



Fala Egbé

Informativo dirigido às Comunidades de Terreiros de Candomblé • nº 27 • ano XI • Maio de 2013

Contra uma ameaça à vida, solidariedade à Mãe Rosa de Itaparica

A situação de desigualdades por onde passa o Brasil tem muitas faces e atinge muitos rostos.

A vida das Comunidades Negras Tradicionais de Terreiros está, infelizmente, marcada por essa realidade. Há a pobreza sem dúvida, mas há também a persistência dos preconceitos e de atitudes violentas, as mais intoleráveis. Situações que desafiam as atitudes, o comportamento de pessoas de fé, como as do Candomblé.

Veja-se o caso do Terreiro em Itaparica Marco Antônio Marcelino marido e ogan da Mãe de Santo, Mãe Rosa, é assassinado por um vizinho, que está preso e segue fazendo ameaças, por meio de conexões e dinheiro agora dirigidos contra ela, no intuito de expulsá-la e o seu terreiro da área onde está. No mesmo terreno, a Mãe Rosa leva adiante um projeto social com meninos desamparados. Denunciar, buscar as proteções legais e outras do Estado, da polícia e do conjunto da sociedade é o que se deve fazer, o que está sendo feito e se espera que muito mais aconteça para proteger a vida da lalorixá. E no plano religioso?

A primeira reação é de esbravejar, xingar, se puder bater no dito cujo, rogar todas as pragas e desejar que todos os males eliminem o causador de tanta desgraça. Certa toda essa indignação e impossível negar tanto desejo de destruição do outro. Mas lidar com tudo isso na dimensão da fé, da religiosidade é um desafio. Há quem defenda que tudo se faça e a tudo e a todos se peça para que o outro deixe de existir e de preferência com o mesmo sofrimento que causou. Ira inegável, ação justificável, mas persiste a questão de fundo – o que seria uma intervenção espiritual justa? As crenças partilhadas no mundo dos candomblés

trazem dilemas quanto a se seguir essas primeiras reações, como se fossem um primeiro rompante, um primeiro grito de horror e quase ódio.

Um primeiro dilema vem da crença na criação das cabeças e corpos humanos que se dão num ato de amor, tão profundo que ao menos duas divindades se apaixonam pela criatura e a acompanham em toda a sua existência. Um segundo, para ficar em dois dilemas, vem da crença de que todo o mundo está ligado e tem vida: os seres humanos, outros animais, as plantas e as rochas, há uma ligação de tudo e de todos. Como querer fazer o mal sem fazer a si mesmo? Como odiar e querer eliminar o outro sem eliminar um pouco de si? O mesmo amor que por um lado a alguém sustenta por outro mantém o seu inimigo, afinal duas ou mais divindades o amam da paixão original.

Com o coração cheio das maiores e justificadas indignações e a com a reflexão da fé cheia de dilemas é preciso dar seguimento ao fluxo da vida, e muito dos dizeres mais antigos lembram do profundo pedido “afaste-me do mal”, “feche-me contra ele”, que “ele não me veja”, estejam sempre ao meu lado divindades que tanto me amam. E aí começa e termina o jogo das eternidades que aos seres humanos transpassa: cuidar das divindades que lhe amam e serem cuidados por elas, não estarem sós.

A batalha que se vislumbra no plano espiritual envolvendo dois ou mais lados em luta é uma falácia, que há muito os ancestrais africanos resolveram. Não há contendas no plano espiritual da Justiça, pois ela é um só Reino, onde se negociam as grandes harmonias entre as divindades. O enfrentamento do mal é um embate dos humanos. Pela fé aprendida dos antepassados afro-brasileiros é a partir

do império da Justiça que o mundo dos seres humanos e o das divindades se comunicam, nessa conexão o desejo da eliminação total do outro não encontra eco, ou melhor, é uma onda que se reflete entre todos os seres conectados plantas, outros animais, rochas e humanos. “Mantenha-se conectado no Reino da Justiça, com a consciência clara, e o mal não lhe eliminará” assim aprende-se dos mais velhos.

Retome-se a causa da Mãe Rosa de Itaparica. Todos os esforços, pedidos, todo trabalho enfim no âmbito da fé não podem abrir mão da ação humana! É nesse lugar da vida que as desigualdades agridem a lalorixá: na forma de uma proteção policial que não é concedida; da invisibilidade de sua causa porque se dá na periferia da Metrópole, em Itaparica; no destrato machista dos poderes públicos locais por que é uma mulher que está reivindicando; e na falta de grandes aparatos de defesa na justiça por falta de recursos. A solidariedade chama! É essa a possível batalha humana com o suporte das divindades em que se tem fé – a luta da solidariedade contra as violências.

É preciso fazer barulho com todas as forças em favor da vida, é preciso mover a solidariedade antes que se confirmem as ameaças. A liberdade religiosa merece essa ação! Mãe Rosa precisa da sua, das nossas mãos!

pág. 2
ACÇÕES LOCAIS
pág. 3
JUVENTUDE
pág. 5
21 DE JANEIRO

ATIVIDADES REALIZADAS

Atendimento jurídico

No período de março e abril foram atendidas nove comunidades de terreiro. Entre as demandas estão: elaboração de estatuto e ata de assembleia, utilidade pública, IPTU e acompanhamento em ação penal em um caso de intolerância religiosa. Terreiros atendidos: Casa Branca, Viva Deus Bisneto, Roça do Sossego em Simões Filho, Terreiro de Pai Roberto no Bairro da Paz, Ilê Axé Oya Bagan de Vera Cruz, Terreiro de Mãe Beata do bairro de Beiru, Terreiro Ilê Axé Oxé Oba, Odé Sile Mean, Terreiro de Mãe Juciara no Beiru.

Além dos novos atendimentos, realizamos o acompanhamento de atendimentos anteriores com pendências, foram seis. Casos que na maioria foram de retorno da ata de assembleia e estatuto. Terreiros atendidos Terreiro de Mãe Selma no bairro de São Caetano, Associação Arte Brasil Capoeira, Ilê Axé Obá Baba Sere de Cajazeiras 11, Ilê Axé Jejemim localizado em Paripe e Terreiro Ilê Axé Soboajó e Terreiro de João Paulo localizado no Subúrbio.

Como todas e todos sabem, em setembro passado, o Ogan Marco do terreiro **Ilê Axé Oya Bagan** foi assassinado de maneira cruel. O terreiro fica no município de Vera Cruz, especificamente na Estrada do Baiacu, e realiza ações com crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade.

Desde então, KOINONIA tem prestado assessoria jurídica a Casa e a viuva Mãe Rosa. O inquérito policial já foi encaminhado para o Ministério Público e este ofereceu denúncia ao juiz responsável.

O processo está tramitando na Comarca de Itaparica. O réu permanece preso, porém a insegurança ainda

paira sobre o povo do terreiro. KOINONIA está providenciando a participação na Assistência de acusação em defesa da vítima, do terreiro para combater a intolerância religiosa.

Laina Crisostomo
Advogada de KOINONIA

Juventude: II Encontro Nacional da Rede de Juventude de Terreiro (Erê vida)

Aconteceu entre os dias primeiro e cinco de maio o II Encontro Nacional da Rede de Juventude de Terreiro (Erê vida). Vários temas foram debatidos durante o evento. Para a facilitadora de juventude de KOINONIA, Vivian Silva, destaca-se o debate sobre candomblé e escravidão, Intolerância religiosa e candomblé, Juventude e candomblé, candomblé e Feminismo, Ao final de cada dia de trabalho aconteceram apresentações culturais. As foram constantes no final. Houve também debates na casa de cultura sobre o coco de umbigada e sobre o Programa Juventude Viva", com a presença de Severine Macedo, Secretária Nacional de Juventude. A juventude presente afirmou que é necessário que o Programa Juventude Viva foque na juventude de terreiro que esta também precisa de uma atenção especial por conta do ódio religioso.

A Campanha Agô, criada no final do ano passado, pelo público atendido pelo projeto Jovens Quentes de Salvador, também foi apresentada durante o evento.

Saiba mais sobre a campanha em: <https://www.facebook.com/JovensDeTerreiroContraIntoleranciaReligiosa>



O escritório de KOINONIA é na Rua Capelinha do Tororó, nº 1, primeiro andar – Tororó. Salvador (BA) Tel: (71) 3266-3480.

Funcionamos de segunda à sexta. Atendemos assuntos referentes à Juventude segundas, quartas e sextas de 9h à 12h.

Assessoria jurídica: quintas e sextas à tarde.

Para visitas ao escritório ou visitas nas casas ligue e agende.

Candomblé no olhar da juventude

Vivian Silva

Ser adepto da religião de matriz africana no Brasil é um desafio grande. O preconceito dita as normas de comportamento e a herança escravista mantém vivos os danos psíquicos do racismo.

Assumir uma identidade religiosa pautada na fé africana só é possível àqueles (as) que detêm um mínimo de conhecimento. Reconhecer o papel do candomblé no processo de libertação do povo africano no Brasil é reconhecer o motivo da própria existência desse mesmo povo. A esperança trazida pelos toques dos atabaques enquanto os navios negreiros carregavam a dor e o desespero em seus porões, precisa ser compreendida pela juventude atual. A força emanada com os cânticos aos orixás que proporcionaram as fugas e conseqüentemente a formação dos quilombos tem que continuar pulsante no sangue dos africanos do Brasil. Os relatos sobre as curas através das folhas, lama e infusos precisa ser compartilhados com a juventude moderna.

A escravidão foi uma das mais tristes páginas da história da humanidade e até hoje mantém suas feridas abertas refletidas no dia a dia da sociedade contemporânea. O escravismo atingiu o âmago do povo africano trazido para o Brasil, causou distúrbios e danos psicológicos. Conseguiu não só tirar a liberdade física dos africanos capturados, mas aprisionou também suas mentes, os encurralando num labirinto obscuro e anônimo. Várias teses confirmam os traumas do povo africano no Brasil e relatam suas conseqüências na atualidade.

É consenso entre todos os especialistas, estudiosos e intelectuais dos movimentos sociais que a elevação da autoestima do povo negro é o mais importante instrumento na luta contra o racismo e a desigualdade social existente em nosso país. Vários são os projetos que buscam dignificar o povo negro no Brasil, todos eles com seu diferenciado grau de reparação.

O que nos preocupa porém, é perceber que a reparação do ponto de vista religioso é pouco trabalhada na maioria dos projetos existentes. Acreditamos não ser possível

reparar o negro em sua essência ignorando aquilo que foi e ainda é de grande importância para as nações afrodescendentes; a crença nos Deuses africanos.



Ademir: Sou da Casa Laje Grande e tenho 25 anos. O candomblé em minha vida é um porto seguro, uma direção para onde seguir. Venho de uma realidade onde a natureza sempre me cercou e o axé passou naturalmente a fazer parte de minha vida. Hoje sou feliz, e desejo felicidade a todos graças aos ensinamentos de obediência, silêncio e observação.

Hoje sou feliz, e desejo felicidade a todos graças aos ensinamentos de obediência, silêncio e observação.



Gabriela Ramos: Embora já frequentasse terreiros de Candomblé, fui iniciada em julho de 2010. Esse momento foi um divisor de águas na minha vida. Acredito que todo mundo que entra em qualquer religião acaba tendo essa mesma sensação, só que o Candomblé tem particularidades importantes porque nossas mudanças comportamentais e estéticas são diferentes à medida que não nos intimida, além de dar espaço para, dentro da identidade religiosa, termos nossa identidade pessoal.

Eu sempre fui uma pessoa extremamente explosiva, arredia e fechada em meu mundo com os meus. Falatrona, piadista, extrovertida, mas sempre entre os meus. A cisma sempre me impediu de dar a pessoas estranhas grandes oportunidades de se relacionarem comigo. A iniciação no Candomblé me trouxe um novo mundo de possibilidades de convivência e relacionamentos. Ser Yawô me obrigou a conviver com outra família (a de Axé) que é composta por pessoas com as mais diversas personalidades, educações e estilos de vida. Quem é Yawô sabe que existe hierarquia e uma relação comunitária dentro do Axé que

não nos impõe, mas nos induz e reeduca a vivermos socialmente. Diante das noções de respeito, humildade e reciprocidade que o Candomblé me ofereceu, percebi que isso podia ser parte de minha vida das porteiras pra fora do terreiro. Entendi, por exemplo, que, se eu tenho problemas com alguns familiares consangüíneos, posso contornar de forma diferente da habitual ruptura da relação porque, dentro do terreiro, eu também não tenho como optar por esse acirramento das relações.

O Candomblé me trouxe novas formas de ver não só o mundo, como a mim mesma. A me enxergar dentro dos mais diversos espaços, sejam eles sagrados, institucionais, familiares ou profissionais.



Donna Liu: Sou filha do Ilê Axé Odé Yeye Ybomi há cinco anos. O candomblé me trouxe de volta às minhas raízes! Hoje eu me sinto

completa quanto ao exercício de consciência da minha negritude.

Pra mim, a importância em ser candomblecista está justamente no fato de que isso nos permite voltar às nossas origens. Hoje não é tão difícil ser de candomblé porque não morremos mais pelas chibatas ou nas fogueiras por isso, entretanto, ainda sofremos e somos rechaçados muitas vezes pela ignorância, intolerância e desrespeito de pessoas de outras crenças. A grande diferença é que não nos calamos mais.

Eu, por exemplo, tenho o compromisso de sempre deixar uma mensagem para aqueles equivocados que insistem em reproduzir informações inverídicas sobre a minha religião, porém, evito discussões não saudáveis.

O candomblé pra mim, é um modo de vida. É a minha cultura. Eu amo os Orixás! Amo a influência do meu orixá em minha personalidade! Amo me reconhecer nos enredos contados nas histórias - que chamam de mitos - dos Orixás quando viviam em terra. Enquanto jovem - tenho apenas 29 anos - acredito ter, hoje, uma direção a seguir. Tenho rumo! Afinal, não é esse o papel da religião na vida do ser humano?

VELHAS PRÁTICAS, NOVAS HISTÓRIAS

***Maria da Conceição Freitas*

A sobreposição étnica, valorizando um grupo em detrimento de outros, com base na lógica mercantil de exploração, culminou na escravização de povos. No Brasil



A esquerda o Ogan Marco, assassinado em 2012 e a direita Mãe Rosa

esse processo se estabelece com a vinda de povos de diferentes etnias, com seus símbolos e significados, nem melhores, nem iguais, apenas diversos. Essa diversidade é entendida, convenientemente, pelo branco europeu como inferior, logo propensa à dominação e exploração. Para justificar a necessidade de dominação passam a 'racializar' as diferenças, ou seja, o conjunto de negros e negras constituem uma "raça", logo, inferior. Assim, quando ouvimos que somos a raça humana, é fato, mas a invenção da raça negra é branca, racista, exploradora e elitista, mas como a negritude se reinventa sempre, reelaboramos conceitos e utilizamos o que servia como depreciativo para nos afirmarmos, RAÇA NEGRA SIM!

Na contemporaneidade, com todos os diálogos sobre direitos, igualdade, ações afirmativas e outras pejeas para que possamos trilhar a equidade, esbarramos mais uma vez na famigerada sobreposição entre grupos, que usam velhas práticas, que ainda são mercantis e de exploração, com um diferencial, o recorte é religioso, assim surgem novas histórias. Refiro-me a intolerância religiosa, que como sabemos não faz vítimas apenas nas religiões de ma-

triz africana, mas o nosso recorte aqui é o ódio religioso contra o axé. Ódio esse que vem matando, desabrigando, destruindo artefatos, espalhando o racismo institucional e promovendo perdas irreparáveis ao patrimônio e à vida dos que partem e de quem fica.

Vamos aqui pontuar duas situações, considerando que são tantos casos diários de manifestações de intolerância que é impossível evidenciar a todos. Temos a exemplo, as perseguições sofridas pelo ILÊ AXÉ OYÁ BAGAN BABÁ ALÁ EFURUN, situado na estrada do Baiacu, na ilha, com invasão de terra, devastação



barracão do ILÊ AXÉ DE OYÁ e a direita parte da encosta que está cedendo.

e queimadas indevidas da vegetação e árvores da propriedade do terreiro, roubo de pertences, dentre outros absurdos como o assassinato de Marco Antônio Marcelino, Ogan da Casa e marido da Yalorixá Mãe Rosa, no dia 22 setembro de 2012. O ocorrido agravou a situação de insegurança prejudicando as atividades desenvolvidas na roça.

A mesma intolerância afeta o ILÊ AXÉ DE OYÁ, localizado no Mirante da Enseada, Lobato no Subúrbio Ferroviário, trata-se a antiga comunidade da Rua das Fontes do Parque São Bartolomeu, onde havia três terreiros de candomblé, que sofria há mais de 30 anos com enchentes durante as chuvas e toda comunidade foi relocada. Constava no projeto as áreas para alocar os terreiros, mas o espaço destinado ao ILÊ AXÉ DE OYÁ, está abaixo de uma encosta que atualmente está cedendo, além de a construção não respeitar os espaços necessários para o sagrado e as funções da casa estão suspensas há mais de 1 ano. Ou seja, mais um caso de abuso e desrespeito.

Até quando vamos conviver desapropriação das nossas terras, o crescimento desordenado da especulação imobiliária, com invasão de empresas, cobranças indevidas, e ou, abusivas de impostos e a satanização da fé de matriz africana que tornou-se

um negócio lucrativo, que sustenta pastores e redes de comunicação, além de ser usada como forma de dar visibilidade a delírios políticos, como o caso do Vereador do PV em Salvador, que felizmente teve seu projeto abortado por força do axé.

De certo que o "AMOR LANÇA FORA TODO O MEDO", e assim continuemos amando e respeitando nossos orixás, e resistindo como é característico da nossa ancestralidade. Peço a benção!

***Assistente de Programas de KOINONIA – Programa EGBÉ Territórios Negro*

Todo dia deveria ser 21 de janeiro

CAS debate Lei Geral das Religiões na quinta-feira

A Comissão de Assuntos Sociais (CAS) realiza audiência pública na quinta-feira (23), às 9h, para debate sobre o projeto de lei que estende às religiões em geral os direitos desfrutados pela Igreja Católica no Brasil (PLC 160/2009). O projeto trata dos direitos e garantias fundamentais ao livre exercício da crença e dos cultos religiosos. Com 19 artigos, estende a todas as religiões direitos como representações nas capelanias das Forças Armadas, criação e administração de universidades e prestação de serviços em hospitais e entidades de assistência social. Foram convidados para a audiência pública o presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), Raymundo Damasceno Assis; o presidente da União Nacional das Entidades Islâmicas, Mohamad El Bacha; e o presidente da Federação Espírita Brasileira, Antonio Cesar Perri de Carvalho. Também participarão do encontro o professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Luiz Antonio Cunha; a coordenadora de Política de Diversidade Religiosa da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, Marga Ströher; o titular do Juizado de Violência Doméstica Contra a Mulher de Porto Alegre (RS), Roberto Arriada Lorea; Silvio Ramos Garcez, membro titular do Conselho Nacional de Umbanda do Brasil; e Sylvio Santos Sobrinho, membro do Comitê Nacional de Diversidade Religiosa da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. A proposta regulamenta os incisos VI, VII e VIII do artigo 5º, além do parágrafo 1º do artigo 210 da Constituição, para estabelecer mecanismos que assegurem o livre exercício religioso, a proteção aos locais de cultos e suas liturgias e a inviolabilidade de crença, bem como o ensino da religião. O autor do projeto, deputado George Hilton (PRB-MG), assinala que é jus-

to que haja as mesmas oportunidades atualmente garantidas à Igreja Católica às demais religiões. O deputado diz defender a laicidade do Estado e o princípio da igualdade previsto na Constituição, observando que seu projeto, quando aprovado, poderá ser chamado de Lei Geral das Religiões. O PLC declara livre a manifestação religiosa em locais públicos, desde que não contrarie a ordem e a tranquilidade. Dispõe ainda sobre a previsão de espaços para fins religiosos no plano diretor de áreas urbanas, bem como sobre a representação de cada credo religioso nas Forças Armadas. O projeto estabelece que as organizações religiosas e suas instituições possam prestar assistência espiritual aos fiéis internados em estabelecimentos de saúde, de assistência social, educação ou similar, bem como aos que estiverem detidos em penitenciárias. As entidades religiosas poderão também ter suas instituições de ensino em todos os níveis, de acordo com as normas legais, podendo ter reconhecimento de títulos emitidos nos níveis de graduação e pós-graduação. Entre outras normas, o projeto garante o reconhecimento da personalidade jurídica das instituições religiosas, mediante registro no ato de criação na repartição competente. Ao desenvolverem suas atividades de assistência social, essas pessoas jurídicas deverão ter todos os direitos, imunidades, isenções e benefícios concedidos às entidades com objetivos semelhantes, previstos na atual legislação. Estabelece ainda imunidade tributária às pessoas jurídicas eclesásticas e religiosas, conforme prevê a Constituição.

FONTE: Agência Senado em 17/05/2013

A imortal baiana do candomblé

Mãe Stella é a primeira ialorixá na Academia de Letras da Bahia. Não sem espanto, a mãe de santo Stella de Oxóssi recebeu a notícia de sua elei-

ção, na quinta-feira 25, para a cadeira 33 da Academia de Letras da Bahia, lugar ocupado no passado pelo poeta Castro Alves. Ao contrário do hábito dos candidatos nesta e em outras praças, Stella não tinha feito campanha. “Levei um choque, pois é uma coisa que não é comum”, diz a ialorixá do terreiro Ilê Axé Opô Afonjá, primeira mãe de santo acadêmica do País. “Depois vi que foi a comunidade que proporcionou isso e achei uma recompensa.” A posse será em setembro e ela confessa não saber exatamente qual seu papel na Academia. O título não é meramente honorífico. Mãe Stella publicou seis livros, bem mais do que alguns imortais da Academia Brasileira. Nascida Maria Stella Azevedo dos Santos, formou-se em Enfermagem pela Escola Bahiana de Medicina. Foi enfermeira durante 30 anos até ser escolhida, em 1976, mãe de santo do Ilê Axé Opô Afonjá, uma das casas de candomblé mais importantes e tradicionais do estado, fundada em 1910. O último de seus livros é uma antologia dos artigos publicados quinzenalmente no jornal A Tarde. Escreve à mão e suas “filhas” digitam o texto. “Sou analfabeta em computador.”

FONTE: Carta Capital em 16/05/2013

Evento na orla de Maceió pede fim da intolerância e discriminação

Artistas alagoanos se reuniram neste domingo (19), na orla de Maceió, para pedir o fim da intolerância e discriminação. Eles participam do evento cultural “Ato-Show: Pelo Fim das Intolerâncias ou Direitos Humanos Ausentes - Alagoas Presente!”, que acontece no Posto sete, em Jatiúca.

FONTE: Portal G1 em 19/05/2013

Prefeitura do Recife discute ações de combate à intolerância religiosa

A secretária de Juventude e Qualificação Profissional do Recife, Marília Arraes (PSB), recebeu representantes do Movimento Negro Unificado (MNU) e do

Fórum Nacional da Juventude Negra para discutir estratégias de enfrentamento ao preconceito racial. Ao longo da reunião, Marília disse que o Recife irá aderir ao “Juventude Viva”, programa desenvolvido pelo Governo Federal que prevê uma série de ações no combate à violência contra a juventude negra. “É uma situação grave, que existe em todo o país, mas que nós iremos enfrentar com determinação e seriedade. Estamos vendo os resultados positivos do Pacto Pela Vida, mas sabemos que podemos avançar. Iremos buscar as parcerias que puderem ser feitas, porque preservar a vida das pessoas é um dever de todos», disse a secretária. Na ocasião, foram discutidas ainda questões como a criação de campanhas publicitárias que promovam a igualdade e o respeito étnico. Uma das sugestões dos ativistas foi um trabalho específico com a juventude de terreiros. “O Recife é uma referência quando falamos em religiosidade de matrizes africanas. Podemos trabalhar com estes jovens para que eles possam atuar na preservação e difusão deste legado”, disse Marta Almeida, do MNU.

FONTE: SRZD em 15/05/2013

Jornada Mundial da Juventude: seguidores do candomblé e de outras religiões vão hospedar católicos

Para recepcionar e hospedar os jovens católicos que virão do mundo todo — incluindo países como China, Malásia e Paquistão — para o Brasil durante a Jornada Mundial da Juventude, a Arquidiocese do Rio de Janeiro contará com o apoio de templos das mais variadas religiões, como o candomblé e igrejas protestantes. É o caso da Catedral Anglicana, na Tijuca. — Vamos receber pessoas nas nossas dependências e nas casas de nossos paroquianos, incluindo a minha — conta o reverendo Abimael Rodrigues. Outro exemplo é o Instituto Cultural Ojuobá Axé, em Duque de Caxias. Os 60 jovens que ficarão hospedados no local terão uma verdadeira lição de tolerância religiosa: o local é coordenado pela católica Luana Marciana, cuja equipe inclui o evangélico Alberto Calado e o candomblecista Thiago de Paula.

— O Papa já nos deu lindos sinais de humildade e ecumenismo. Na Jornada, com certeza vai nos ensinar a sermos pessoas mais humanas e respeitadas com o próximo — diz Luana, que acrescenta: — Os peregrinos serão acolhidos com todo o carinho. Vamos preparar um bonito evento, com maculelê, capoeira e jongo.

FONTE: Globo.com em 13/05/2013

Seguidores do candomblé lotaram a Câmara Municipal para protestar

“Meu orixá não é vegetariano”, dizia um cartaz exibido por seguidor do candomblé. “Abolição animal. Eles merecem respeito”, rebatia outro cartaz, desta vez sustentado por militantes da causa animal, defensores do projeto do vereador Marcell Moraes (PV), que proíbe a utilização de animais nas oferendas da religião de matriz africana. Esse foi o clima na sessão ordinária de nesta segunda-feira (6/5) da Câmara Municipal de Salvador, que foi transformada em especial, por sugestão da vereadora Aladilce Souza (PCdoB), para que as lideranças religiosas e os militantes do PV pudessem se manifestar. O autor do projeto compareceu à sessão, mas não se pronunciou nem atendeu ao apelo, tanto dos manifestantes quanto dos colegas vereadores, para que retirasse o projeto. E se retirou do plenário, impossibilitando a votação em regime de urgência urgentíssima.

FONTE: Tribuna da Bahia em 06/05/2013

Manifestação na praia de Copacabana pede liberdade pela religiosa no Irã

Os Seguidores da religião Bahá’i, fizeram uma manifestação no último domingo (5) no Rio de Janeiro, na praia de Copacabana, pedindo pela libertação de fiéis bahá’is presos na República Islâmica e defenderam a liberdade religiosa no País. O protesto é parte de uma mobilização internacional, que tem manifestações em várias cidades do mundo inteiro. O Foco das manifestações é chamar a atenção do mundo para a prisão de sete líderes da religião Bahá’i, presos em 2008. Segundo a comunidade

Bahá’i, os líderes foram condenados a 20 anos de prisão pela Justiça iraniana, simplesmente por sua crença religiosa. “Existe uma perseguição sistemática dos bahá’is pelo Estado iraniano. A gente diz que é uma perseguição do berço à sepultura, porque há bebês presos junto com suas mães e uma das lideranças presas tem mais de 80 anos”, disse segundo Mary Aune-Cruz, articuladora da comunidade religiosa na sociedade e no governo no Brasil. Os bahá’is sempre foram perseguidos no Irã, país onde a religião surgiu em meados do século 19, mas a situação piorou com a Revolução Islâmica em 1979. Mais de 100 fiéis estão atualmente presos naquele país, afirmou Aune-Cruz. A Embaixada do Irã no Brasil não se pronunciou sobre o caso da prisão dos bahá’is, mas informou, por meio de nota, que ninguém é perseguido por causa de sua religião na república islâmica e que, segundo a Constituição iraniana, todos os cidadãos têm os mesmos direitos. (*Com informações Gospelprime.com.br).

FONTE: Amigo de Cristo em 07/05/2013

Encontro debate intolerância religiosa

Dezenas de babalorixás, ialorixás e filhos de santo se reuniram ontem para ouvir o Ministério Público Estadual se comprometendo com suas lutas contra a discriminação e a intolerância religiosa. Pela primeira vez em sua história, os líderes das religiões de matriz africana, popularizados como pais de santo, abriram seus terreiros para que autoridades constituídas manifestassem apoio à luta em favor do respeito à Constituição brasileira, que garante a liberdade de culto e profissão de fé. A reunião, que o promotor de Justiça Flávio Gomes da Costa, representante do MP, definiu como uma audiência pública, ocorreu no terreiro Ilê Axé Nitó Xoroquê, no complexo Benedito Bentes 2. Ali, líderes de dezenas de terreiros receberam informações sobre os instrumentos legais que dispõem para enfrentar o preconceito religioso. “Com a 61ª Promotoria de Justiça da

Capital, estamos vindo ao encontro de todas as religiões, sejam elas de matriz africana, católica ou evangélica”, disse o promotor, ressaltando que se reunirá também com líderes das igrejas católicas e evangélicas. Com atribuições na área de cidadania e direitos humanos, a nova promotoria vai levar a consciência de seus direitos também ao segmento GLBT. O promotor Flávio Costa destacou a nova política do MP, adotada a partir da posse do procurador Sérgio Jucá, de abrir suas portas aos movimentos sociais. “É um momento histórico. Nem na Bahia, onde as religiões afro são fortes, houve uma reunião como essa, reunindo tantos líderes, com a presença do MP num terreiro”, destacou ele. O superintendente de Direitos Humanos da Secretaria da Cidadania, do governo do Estado, Geraldo Majella Marques, também participou da reunião. Ele destacou a importância histórica do encontro, lembrando que os líderes das religiões afro viveram décadas de perseguição. Neste sentido, lembrou o registro histórico conhecido com Quebra de 1912.

FONTE: Gazeta de Alagoas em 17/04/2013

Malafaia promete reunir 100 mil em frente ao Congresso

O pastor Silas Malafaia diz que, pelo menos, 100 mil pessoas comparecerão à manifestação que ele promete fazer no dia 5 de junho em frente ao Congresso Nacional em prol da liberdade de expressão, liberdade religiosa, da família tradicional e da vida. “Será a maior manifestação desde as diretas já”, afirma Malafaia. “Será um evento apolítico, mas eu vou descer a madeira. A imprensa é livre e tem de ser livre até para falar mal de mim. Se fala mal de mim, da minha religião, eu tenho de aguentar. O resto é casuísmo”, diz o pastor. Ele nega que a manifestação seja um ato de apoio ao polêmico presidente da Comissão de Direitos Humanos da Câmara, Marco Feliciano (PSC-SP). ” Sou trouxa para fazer evento para apoiar um cara? Não é desgravo a ninguém”, diz

FONTE: Revista Época em 02/05/2013

Baixo Sul: Ações em defesa dos direitos quilombolas

O ano de 2013 iniciou com várias ações junto às comunidades quilombolas da região do Baixo sul da Bahia. Em fevereiro participamos de reunião do Conselho Quilombola, reuniões de planejamento da rede de mulheres do Baixo Sul e acompanhamento das ações planejadas pela juventude rural, organizada por meio das ações do Sasop (Serviço de Assessoria a organizações Populares Rurais), nosso parceiro em Camamu. O amplo panorama de inserções mostra as frentes em que KOINONIA tem se articulado e acompanhado as comunidades negras rurais.. Destaca-se o apoio continuado ao Espaço Quilombola, projeto apoiado pela ICCO – Kerk in Actie e Cese.

Esperamos no decorrer deste ano avançar no monitoramento das políticas públicas específicas para a população quilombola, para as mulheres e jovens, além de continuar os processos de capacita-

ção que vem acontecendo com as comunidades negras rurais.

Um de nossos objetivos é realizar com parceiros locais e com a Rede de Mulheres do Baixo Sul uma audiência pública na qual apresentaremos as situações vivenciadas pelas mulheres negras da região, com foco nas violências e violações de direitos vivenciadas por elas. Buscamos melhorias na implementação das políticas públicas, bem como a implantação de uma delegacia de atendimento a mulheres na região.

Em abril KOINONIA e e Sasop realizaram um Encontro de Acolhimento com as mulheres da Rede. No evento avaliamos os entraves enfrentados pelo grupo, relemos o planejamento e fizemos adequações. Estiveram presentes mais de 40 mulheres de oito municípios. No dia três de junho representantes da Rede se encontrarão para organizar as próximas atividades.

KOINONIA
Presença Ecológica e Serviço



actaliança

KOINONIA comunica

Acesse o **Dossiê Intolerância Religiosa** e leia notícias dos mais diversos veículos sobre o tema: intoleranciareligiosadossie.blogspot.com.br/

Visite o **site de KOINONIA** e saiba como nossas ações fortalecem a luta pela garantia de direitos: www.koinonia.org.br

Leia as edições anteriores do **Informativo Fala Egbé** no site de KOINONIA: www.koinonia.org.br

Conheça o **Observatório Quilombola**, portal com informações sobre comunidades remanescentes de quilombo de todo o Brasil: www.koinonia.org.br/oq/

Curta a página de KOINONIA no **Facebook**: www.facebook.com/koinoniapes

Este informativo é produzido pelo Programa Egbé Territórios Negros de KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço. Dirigido às comunidades negras urbanas de Candomblé e às redes de solidariedade civil e ecumênica.

EDITORIA:

Ana Gualberto e Rafael Soares de Oliveira

REDAÇÃO DE ATIVIDADES:

Equipes KOINONIA

DIRETOR EXECUTIVO DE KOINONIA:

Rafael Soares de Oliveira

REVISÃO:

Manoela Vianna

PROJETO GRÁFICO:

Martha Braga

EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA:

Welder Marques dos Santos

IMPRESSÃO:

Fast Design

FOTOS:

Arquivo de KOINONIA

Fafá Araújo



Rua Santo Amaro, 129 Glória
22211-230 Rio de Janeiro RJ
Tel (21) 3042-6445
Fax (21) 3042-6398
koinonia@koinonia.org.br
www.koinonia.org.br

**PROGRAMA EGBÉ TN**

Rua Capelinha do Tororó,
Edif. 1.º andar, Tororó.
CEP. 40.050-120, Salvador-Bahia.
Tel.: (71) 3266-3480
projetoegbesalvador@koinonia.org.br

E-mail: falaegbe@koinonia.org.br

ISSN: 1981-7568

APOIOUnited Church of Canada
(UCC)Canadian
International
Development
AgencyAgence
canadienne de
développement
international**PARCERIA****COMUNIDADES ATENDIDAS****COMUNIDADES DE TERREIROS**

RA I Centro: Ilê Erinlé Axé Odé Ifeolá; **RA Itapagipe:** Ilê Axé Airá Omim, Ilê Axé Odé Lomin Infan, Ilê Axé Ogum Ladê Iyá Omim, Ilê Axé Omin Leuá, Ilê Iyá Osshum, Terreiro de Oxum do Caminho de Areia; **RA III São Caetano:** Ilê Axé Idanjeuê, Ilê Axé Obá Inan, Ilê Axé Opô Ibu Alama, Terreiro Ogun Tundê; **RA IV Liberdade:** Ilê Axé Omin Amboke, Ilê Axé Ewá Omin Nirê, Ilê Axé Iroko Sun, Terreiro Ajagunan, Terreiro do Vodunzô, Terreiro Kanzo Mucambo, Terreiro de Oxalá; **RA V Brotas:** Axé Abassá de Amaze, Centro do Caboclo Boiadeiro, Centro do Caboclo Oxossi Talami, Centro Matamba de Onato, Ilê Axé Ewé, Ilê Axé Jifulú, Ilê Axé Jualê, Ilê Axé Oluwayê Dey'I, Ilê Axé Oyá Tunjá, Ilê Axé Omin Afonjá Rode, Nzó Mdemboa – Kenã, Ilê Axé Omin Ode Azoani, Terreiro Oxossi Caçador, Terreiro Unzô Awziidi Junçara, Tuumba Junçara, Tuumbalagi Junçara, Unzô Dandamutalê, Unzô Katende Dandalunda, **RA VII Rio Vermelho:** Ilê Axé Achê Ibá Ogum, Ilê Axé Alarabedê, Ilê Axé Iyá Nassô Oká, Ilê Axé Obá Nirê, Ilê Axé Obá Tadê Patiti Obá, Ilê Axé Omin Deuá, Ilê Axé Onirê Ojuirê, Ilê Axé Oyó Bomim, Ilê Axé Obá Tony, Ilê Obá do Cobre, Ilê Oxumarê, Ilê Axé Oyá Omin Denan, Tanuri Junsara, Ilê Axé Centro de Angola Mensageiro da Luz, Terreiro do Bogum, Terreiro Ogum de Cariri – Kilombo **RA IX Boca do Rio:** Ilê Axé Araka Togum, Ilê Logum Edé Alakaí Koissan, Terreiro Onipó Neto, **RA X Itapuã:** Axé Abassá de Ogum, Axé Tony Sholayó, Ilê Axé Osun Yinká, Ilê Axé Ominader, Ilê Axé Yeye Jimum, Terreiro Aloia, Terreiro Caboclo Itapuã, Terreiro Oxossi Mutalamô, Terreiro de Oxum da Lagoa do Abaeté, Viva Deus Neto, Terreiro Viva Deus Bisneto, Ilê Axé Ibá Aqueran, Terreiro Gurebetã Gome Sogboadã, Terreiro Monaleuci Um'Gunzo de Un'zambi, **RA XI Cabula:** Ilê Axé Opô Afonjá, Ilê Axé Tunadeni, Terreiro Sultão das Matas, Unzô Bakisê Sasaganzuá Gongara Caiango, Unzô Ngunzo Kwa Kayango, Viva Deus Filho, Ylé Yá Yalodeidê, **RA XII Tancredo Neves:** Ilê Axé Gezubum, Ilê Axé Jagun Bomin, Ilê Axé Lofan Demim, Ilê Axé Obá Fangy, Ilê Axé Olufan Anancidê Omin, Ilê Axé Omin Alaxé, Ilê Axé Omin Togun, Ilê Axé Oyá Omin Olorum, Ilê Axé Pondamim Bominfá, Terreiro de Boiadeiro, Terreiro do Bate-Folha, Terreiro Olufonjá, Terreiro São Roque, Terreiro Sete Flechas, Terreiro Tumbenci, **RA XIII Pau da Lima:** Funzô Iemim, Ilê Omu Keta Posu Beta, **RA XIV Cajazeiras:** Ilê Axé Layê Lubo, Ilê Axé Omim J'Obá, Ilê Axé Omin Lonan, Ilê Axé Omin Nita, Ilê Axé Onijá, Terreiro Junçara Kondirê, Unzô de Kaiango, Manso Bandun Kuekue de Inkinansaba Filho, Manso Dandalungua Cocuazenza, Manso Dandoqüenque Dunkinisaba Filho, Moitumba Junçara, Nzo Sassa Ganzuá Mono Guiamazê, Terreiro Vintém de Prata, Ilê Axé Ogum Omimkayê, **RA XVI Valéria:** Ilê Axé de Ogunjá, Ilê Axé Omim Funkó, Ilê Axé Olo Omin, Ilê Jêje Dahomé Imburací, **RA XVII Subúrbios Ferroviários:** Onzô de Angorô, Grupo das Sacerdotisas e Sacerdotes do Axé, Ilê Axé Oyá Deji, Ilê Axé Oba Furikan, Ilê Axé Acorô Genã, Ilê Geleuá, Ilê Axé Loyia, Ilê Axé Ogum Alakaiyê, Ilê Axé Anandeuiy, Ilê Axé Flor da Mirtália, Ilê Axé Gitolobi, Ilê Axé Jagun, Ilê Axé Jfokan, Ilê Axé Kalé Bokum, Ilê Axé Obá Omo, Ilê Axé Odé Tolá, Ilê Axé Omi Euá, Ilê Axé Omin Loyá, Ilê Axé Unzô Mona de Amean, Ilê Olorum Axé Giocan, Luandan Jucia, Terreiro Caboclo Catimboiá, Terreiro Gidenirê, Terreiro Mucundeuá, Terreiro de Nana, Ilê Axé Arin Massun, Ilê Axé Giroqueme, **RA XVIII Ilhas:** Ilê Axé Airá, **Região Metropolitana de Salvador:** Ilê Ala Axé, Ilê Axé Burukam Ajunsun, Ilê Axé Maa Axé Ni Odé, Ilê Axé Gum Tacum Wseré, Ilê Axé Jesidea, Ilê Axé Oba Nã, Ilê Axé Ofá Omin, Ilê Axé Omim Lessy, Ilê Axé Ondô Nirê, Ilê Axé Opô Olú-Ode Alayedaá, Ilê Axé Oyá, Ilê Axé Odé Obá Lodê, Ilê Axé Odé G'mim, Ilê Axé Taoyá Loni, Ilê Axé Dan Seji Olá, Ilê Axé Bokum, Ilê Axé Igbonan, Sindirátukuá Filha, Terreiro Angurusena Bya Nzambi, Terreiro de Jauá, Terreiro Filhos de Ogunjá, Terreiro Kawizidi Junçara, Terreiro São Bento, Tuumbaengongonsara, Unzô Tateto Lemba, Ilê Axé Alafumbi, Ilê Axé Awon Funfun, Ilê Axé Ojunilê Chapanã, Ilê Axé Ogum Mejê, Ilê Axé Julosum Oju Omim, Ilê Axé Ode Oman, Centro Umbandista Paz e Justiça, Terreiro Vence Tudo, Terreiro Nzo Tata Nsuumbu, Ilê Axé Ejiyegge Faleji, Unzô Kunã Lembe N'kossi, Terreiro de Guiaiba, Ilê Axé Ogum Dey, Ilê Axé Oba Ina Ilê Axé Ofá Omin, Ilê Axé Omim Anibé Nirê, Terreiro Águas de Efan **Itabuna:** Ilê Axé Obé Fará Ogum Lonan, Centro de Candomblé Santa Bárbara, Ilê Axé Ijobá Oxumarê-Yewá, **Araci:** Ilê Axé Jitolobi, **Cachoeira:** Ilê Axé Kayó Alaketu, **São Francisco do Conde:** Ilê Axé Osum Made; **Muritiba:** Ilê Axé Obá Nijó Omim, **Rio de Contas:** Terreiro Afoxé dos Orixás, **Ilhéus:** Terreiro de Ilhéus, Terreiro Matamba Tombeçy, **Mata de São João:** Terreiro de Praia do Forte, **São Sebastião:** Terreiro de São Sebastião.

COMUNIDADES NEGRAS RURAIS (BAIXO SUL DA BAHIA)

Camamu: Abóboras, Acaraí - Boa Vista, Bairro da Vitória, Barroso, Bolacha, Canela, Coqueiro, Dandara dos Palmares, Enseada, Garcia, Jatimana, Lameiro, Limoeiro, Machado, Maria Ribeira, Marimbondo, Matapera, Mato Grosso, Outeiro, Pedra Rasa, Pimenteira, Porto do Campo, Pratigi, Reboco, Ronco, Santo André, Tapuia, Unidos Venceremos, Varjão, Zumbi dos Palmares; **Cairu:** Galeão; **Igrapiúna:** Boa Esperança, Laranjeira; **Ituberá:** Brejo Grande/ Campo do Amâncio, Ingazeira, Lagoa Santa; **Maraú:** Empata Viagem, Quitungo, São Raimundo, Terra Verde/Minério, Tremembê; **Nilo Peçanha:** Boitaraca, Jatimane; **Taperoá:** Graciosa, Lamego, Miguel Chico; **Valença:** Novo Horizonte (Pau que Ronca), Sape Grande, Sarapuí; **Wenceslau Guimarães:** Nova Esperança.

PARCEIROS EM CAMPO: SASOP e STR-Camamu